

O ROMANCE HISTÓRICO



O estudo da evolução do romance histórico apresenta maior interesse do que a uma primeira impressão se afigura. E' que nêle, como em todas as obras humanas, está sempre inevitavelmente impresso o sinete de uma época histórica, de uma fase da evolução do homem e da sua cultura. Pode dizer-se que todas as coisas são como um globo de cristal: dão-nos a imagem do todo. Esta idéia, da mais genuína procedência hegeliana, impregna tôda a ciência moderna e tôda a cultura viva dos nossos dias. A parte não pode desligar-se do todo; e o todo só artificialmente é dado como «todo» se não integrar tôdas

as partes. Qualquer fenómeno que estudemos, qualquer objecto que submetamos a análise conduz-nos ao fluxo incessante da «totalidade dinâmica», do processo dialético do ser e da sociedade.

Há evidentemente um ponto de vista *técnico* no estudo da literatura, mas êsse ponto de vista não consiste em tomar a literatura *como aquilo que ela não é*, como pura forma de intuito lúdico, mas precisamente em tomá-la como ela é: realidade inseparável do todo, que reflecte um determinado «clima» social e cultural, e por sua vez determina outro.



Talvez se possa dizer que o romance histórico é contemporâneo do romantismo. E digo talvez, porque não excluo a possibilidade de se descobrirem espécimes de romance histórico anteriormente ao movimento romântico. Mas, êsse problema é com os historiadores da literatura.

Como alguém ainda recentemente notou entre nós, um dos três grupos sociais que se exprimem no romantismo é a nobreza desapossada, que recorda a Idade Média, chora os tempos do seu domínio e se exalta à sombra das catedrais (Cfr. Joaquim Namorado, in *Sol Nascente*, n.^{os} 43, 44, pág. 22).